

PARAÍSOS PARA QUÊ?

EDSON CARVALHO VIDIGAL

Ministro do Superior Tribunal de Justiça

No Brasil, lavagem de dinheiro. Em Portugal, branqueamento de capitais. Qualquer que seja a denominação, o crime é o mesmo: transnacional e com potencialidade tão danosa que desafia o poder de governos democráticos e a soberania das nações.

O crime organizado hoje só não assalta bancos, até porque já pode comprá-los. Assalta Estados nacionais, enfraquecendo os orçamentos públicos pela sonegação fiscal e corroendo, pela frustração das demandas sociais, as democracias.

O Estado politicamente organizado, desorganizado, no entanto, impotente, portanto, para enfrentar e dismantelar o crime organizado, necessita urgentemente de ação coletiva em mobilização transnacional para vencer a guerra contra o tráfico de drogas, o contrabando de armas, a pirataria e a lavagem de dinheiro.

Precisamos denunciar e partir para acabar com os paraísos fiscais. Não faz sentido remeter tanto dinheiro para essas ilhas do inconfessável, ainda que sob a cobertura de normas legais. Por que mandar tanto dinheiro para fora do País, se dentro de nossas fronteiras há mais necessidade de investimentos na produção? Por que mandar para fora tanto dinheiro, mesmo o de passaporte carimbado pelas autoridades monetárias nacionais, quando estamos a pedir aos capitais externos que acreditem nos nossos projetos de desenvolvimento e direcionem para o nosso país os seus investimentos?

Vamos combater os paraísos fiscais, seus esconderijos de dinheiro inconfessável, seus roteiros para diluir no sistema financeiro internacional as sujeiras de onde foram obtidos tantos capitais. Vamos enfrentar o crime globalizado. Vamo-nos organizar numa corrente forte de vontades coletivas transnacionais para a vitória nessa guerra que desconhece fronteiras, que é de todas as democracias, de todas as mulheres e de todos os homens que vivem sob os valores do trabalho, da decência, da honestidade, da probidade.

Os criminosos transnacionais se escondem, pelo mundo afora, atrás de governos corruptos, de partidos corruptos, de políticos corruptos, de magistrados corruptos, de fiscais corruptos, de policiais corruptos. Contam com a fraqueza moral de pessoas que de alguma maneira se incrustaram nas instituições estatais. E delas se aproveitam.

Estima-se que o tráfico de drogas movimente pouco mais de 2% da economia mundial. Traduzir isso em cifras resulta em algo inimaginável. É dinheiro que daria, com certeza, para melhorar a vida de milhões de pessoas no mundo.

É só pensarmos nos povos de mais de cem países do Terceiro Mundo ou do ex-bloco do Leste Europeu que sofreram, nos últimos 15 a 20 anos, desmoronamentos inaceitáveis nas suas taxas de crescimento, estando hoje entre os de mais baixos níveis de vida. É mais de 1,6 bilhão pessoas vivendo em condições muito piores do que há 20 anos.

Entre nós, o governo, por intermédio do Ministério da Justiça, por meio da nossa Polícia Federal, desbaratando um forte esquema de remessa ilegal de dinheiro para os paraísos fiscais, apurou que passa de US\$ 20 bilhões o que foi tirado do Brasil. De onde se tirou tanto dinheiro? Só o fato de essa dinheirama ter buscado abrigo nos escaninhos inconfessáveis dos paraísos fiscais já serve para sustentar tantas suspeitas.

Não subscrevo integralmente o que escreveu Jeffrey Robinson, grande estudioso do crime organizado transnacional: "Enquanto vivermos num mundo onde a filosofia da soberania do século 17 é reforçada por um modelo judiciário do século 18, defendido por um conceito de combate ao crime do século 19 que ainda está faltando chegar a um acordo com a tecnologia do século 20, o século 21 pertencerá aos criminosos transnacionais."

Digo eu: este nosso século não pertencerá aos criminosos transnacionais, porque não queremos que pertença. Estamos-nos entendendo todos, em cada país, suplantando conceitos arcaicos de fronteiras e de soberanias, para que, globalizadamente, transnacionalmente, vençamos o crime organizado, o tráfico de drogas, o contrabando de armas, a pirataria, a lavagem de dinheiro, enfim, em qualquer trincheira desta guerra, que é mundial.